

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237-759X2023V54e64917>

"A ÉGUA E A ÁGUA" E SUA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS: RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS LEITORAS VIA PENSAR ALTO EM GRUPO

"THE MARE AND THE WATER" AND ITS TRANSLATION INTO ENGLISH: THE CHILDREN READERS' RECEPTION VIA GROUP THINK-ALOUND

Telma Franco DINIZ
(Universidade de São Paulo)
telmafranco@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, procurei analisar e contrastar as reflexões de crianças brasileiras sobre o poema "A égua e a água" (MEIRELES, 2012), e as reflexões de crianças estrangeiras sobre esse mesmo poema traduzido para o inglês como "The mare and the water" (DINIZ, 2012). A geração de dados se deu via Pensar Alto em Grupo (ZANOTTO, 2014), com crianças de idades entre 9 e 11 anos. Os resultados demonstraram que, além de ser uma efetiva prática de letramento, o PAG também é um excelente instrumento na redução da assimetria entre o adulto-tradutor e a criança-leitora (AZENHA, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Pensar alto em grupo; Cecília Meireles; Estudos da tradução; Poesia para crianças.

ABSTRACT: *In this paper, I sought to contrastively analyse the reflections of Brazilian children on the poem "A égua e a água" (MEIRELES, 2012) and the reflections of foreign children on the same poem translated into English as "The mare and the water" (DINIZ, 2012). Data generation took place via Group Think-Aloud (ZANOTTO, 2014) with groups of children aged between 9 and 11 years old. Results have shown that, in addition to being an effective literacy practice, the GTA is also an excellent tool for reducing the asymmetry between the adult translator and the child reader (AZENHA, 2005).*

KEYWORDS: *Group think-aloud; Cecília Meireles; Translation studies; Poetry for children.*

Introdução

Tradutora de ofício e pesquisadora de literatura para as infâncias, cheguei em 2014 ao Pensar Alto em Grupo (doravante PAG), em função de alguns poemas do clássico *Ou isto ou aquilo* (MEIRELES, 2012), que eu havia traduzido para o inglês em parceria com a poeta inglesa Sarah Rebecca Kersley. Após traduzir e comentar as traduções na minha dissertação de mestrado, meu propósito no doutorado passou a ser investigar a recepção que aquelas versões teriam junto a seu público preferencial: crianças falantes de inglês.

A geração de dados (donde viriam as reflexões das crianças a respeito daqueles poemas traduzidos) já se antecipava como uma das grandes questões da pesquisa, uma vez que a abordagem ao público leitor poderia definir o sucesso ou fracasso do estudo. Eu me perguntava qual seria uma boa forma de apresentar as versões para as crianças, e se as versões em inglês tocariam as crianças estrangeiras da mesma maneira que os poemas em português ainda hoje tocam as crianças brasileiras.

Em suma, eu precisava de um 'método de investigação' que fornecesse respostas a tais questionamentos, e ao mesmo tempo permitisse que as interpretações das crianças brotassem de maneira autêntica, natural, espontânea. Na busca por esse método ideal, dois nomes despontaram: Mara Sophia Zanotto e Ariane Mieco Sugayama.

Desde 1995, Zanotto coordena o Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), na PUC/SP. Dentre suas descobertas com o GEIM, desponta o PAG, prática de letramento de inspiração freireana e bakhtiniana. Para ampliar sua divulgação, em 2012, Zanotto montou o curso "Construindo uma prática de letramento para formação de leitores" na COGEAE da PUC. A primeira ministrante foi a homenageada deste número, a pesquisadora Ariane Mieco Sugayama (*in memoriam*), à época já mestra e com frutífera experiência na aplicação do PAG. O objetivo do curso era fornecer um instrumento que capacitasse as professoras participantes a realizarem uma mudança de paradigmas no ensino de leitura literária na escola: do monologismo para o dialogismo. No artigo "Um confronto heurístico entre práticas de letramento e as epistemologias do monologismo e do dialogismo", Zanotto e Sugayama (2016) esmiúçam os contrastes entre tais paradigmas. O monologismo ainda é a prática dominante na maioria das escolas brasileiras: o professor ainda costuma deter a exclusividade da interpretação literária. Já nas práticas dialógicas, como o PAG, o professor-mediador abdica da exclusividade interpretativa, e convida os participantes a darem suas opiniões, estabelecendo-se um diálogo a partir de uma escuta sensível.

Na proposta do PAG, as vozes e as subjetividades dos participantes são legitimadas, numa leitura colaborativa, que favorece a coconstrução do sentido. Os leitores são incentivados a buscar respostas tanto no texto, quanto fora dele (a partir das próprias experiências de vida), assim como na escuta dos colegas, que expressam em voz alta suas impressões sobre o texto lido. Os saberes e opiniões então circulam no grupo, e são de uso comum, para construção do sentido. Tal prática favorece a construção de identidades mais protagonistas, conforme destaca Sugayama (2016: 401) no *Cadernos de Letras da UFF*:

No que se refere ao Pensar Alto em Grupo, a ideologia que se instaura ao dar, acolher e legitimar a voz dos alunos e suas subjetividades é exatamente a de resistir à prática de leitura escolar dominante, de maneira a empoderá-los a partir da construção de identidades mais protagonistas. Podemos dizer que, nesse processo de interação verbal, potencializa-se a compreensão reflexiva em suas diferentes interações do eu com o outro (leitor/autor; leitor/leitor; leitor/professor), pois todos têm a possibilidade de construir leituras, para além das sancionadas pelo material didático.

Diante do exposto, ao frequentar o mencionado curso da COGEAE, tive a convicção de que o PAG era exatamente o 'método' que eu buscava. Dei-me conta de que seria interessante conhecer também as reflexões das crianças brasileiras sobre os poemas originais. Minha tese adquiriu, então, um caráter contrastivo: a escuta de crianças brasileiras conversando sobre os poemas em português, e a escuta de crianças estrangeiras, conversando sobre as versões daqueles mesmos poemas, em inglês.

Neste artigo, faço um recorte do trabalho desenvolvido para o doutorado, e apresento excertos das vivências com reflexões inéditas que as crianças fizeram sobre o poema "A égua e a água". No Brasil, as vivências foram realizadas em escola municipal da Grande São Paulo, com dois grupos de alunos do 4º ano do ensino fundamental (Grupos Brasam e Brasim). Na Inglaterra, as vivências foram realizadas com dois grupos de crianças do Year 5 (mesma faixa etária): o primeiro, de escola na zona rural de Cambridge; o segundo, de uma escola na cidade de Birmingham.

2. "A égua e a água" – breve análise do poema

A égua e a água

A égua olhava a lagoa
com vontade de beber água.

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A lagoa era tão larga
que a égua olhava e passava.

Bastava-lhe uma poça d'água,
ah! mas só daqui a algumas léguas.

E a égua a sede aguentava.

A égua andava agora às cegas,
de olhos vagos nas terras vagas,
buscando água.

Grande mágoa!

Pois o orvalho é uma gota exígua
e as lagoas são muito largas.
(MEIRELES, 2012: 50)

Pautado em assonâncias [água/vaga; larga/passava], meias-rimas [égua/exígua/água], aliterações [lagoa/larga], rimas externas [mágoa/água] e internas [égua/léguas; olhava/passava], esse poema, tão sonoramente líquido, também seduz pelo final intrigante. Ao analisá-lo e traduzi-lo para minha dissertação, comentei o final aberto e as múltiplas leituras que poderiam vir à tona. Foi um exercício de antecipação, pois eu ainda não realizara vivência nenhuma com nenhuma criança:

Apesar da sede, a égua simplesmente não bebe da lagoa que está bem à vista dela e continua a percorrer um longo caminho em busca de uma poça da qual beber. O leitor é mantido intrigado por esta recusa e em eterno suspense, já que não se sabe se a égua encontrará a tão procurada poça d'água. [...] O final aberto permite uma variedade de leituras. A criança sensível, intrigada pela atitude da égua, não se convence de que ela não bebeu da lagoa simplesmente por esta ser vasta; há algo mais nessa recusa. Talvez a lagoa represente a 'eternidade', e a gota de orvalho o 'efêmero' ou a 'vida' mesma? (DINIZ, 2012: 154)

Ou talvez a vida seja um eterno buscar? Ou talvez a busca por uma poça d'água simbolize a busca pelo 'caminho do meio', uma vez que a poça é um volume intermediário entre a gota de orvalho e a lagoa? São leituras possíveis, especialmente se levarmos em conta que Cecília Meireles era leitora de filosofias indianas como o budismo, e este sugere que a existência ideal se faz pelo caminho do meio. Seja o que for, a égua parece temer experimentar daquela água vasta.

Mas então nos perguntamos: será que crianças de 10 anos teriam maturidade para o tipo de interpretações aqui mencionadas? Ocorre que Cecília não subestimava a capacidade infantil e dizia que, na literatura

para crianças, era preciso deixar "sempre uma determinada margem para o mistério, para o que a infância descobre pela genialidade da sua intuição" (MEIRELES, 1984: 32). Se acrescentarmos a essa sugestão a reflexão de Leonardo Boff (2014: 09), "Cada um lê com os olhos que tem, e interpreta a partir de onde os pés pisam", concluiremos que as crianças podem, sim, nos surpreender com leituras de variados alcances interpretativos e imaginativos, ainda que sua pouca experiência possa dificultar-lhes voos metafóricos. Não custa lembrar que o propósito do PAG é dar espaço às subjetividades dos leitores e resistir à leitura única. Cabe-nos apenas perguntar "que leituras os olhos das crianças fazem, a partir do chão onde seus pés pisam?" Não seremos nós a responder, mas elas.

O chão das crianças brasileiras certamente é diferente do chão das estrangeiras, mas o processo das vivências foi semelhante: nos dois países, os grupos eram formados por 10 crianças com idade entre 9 e 11 anos, e as sessões duravam 60 minutos, incluindo 10 minutos finais, em que as crianças faziam um desenho sobre o poema lido. Nós nos sentávamos em círculo, com o gravador colocado no centro, para captar todas as falas, posteriormente transcritas. Os poemas/versões, digitados em folhinhas individuais, sem ilustrações, eram distribuídos aos participantes, que primeiro faziam uma leitura silenciosa e depois ouviam uma gravação declamada do poema/versão, enquanto acompanhavam o texto. Então era feita uma leitura em voz alta.

A iniciativa de 'pensar alto' em geral partia das crianças: algumas vezes, elas falavam do que tinham gostado; outras, do que tinham estranhado, ou de palavras que desconheciam. "A égua e a água" causou estranhamento e se revelou de difícil entendimento no que concerne ao vocabulário, tanto em português quanto em inglês, como veremos.

Passando novamente os olhos sobre o poema, observamos que as primeiras quatro estrofes compõem uma narrativa de fácil entendimento, com a possível exceção de 'léguas', termo em desuso entre crianças urbanas brasileiras:

A égua olhava a lagoa
com vontade de beber água.

A lagoa era tão larga
que a égua olhava e passava.

Bastava-lhe uma poça d'água,
ah! mas só daqui algumas léguas.

E a égua a sede aguentava.

Temos aí uma égua sedenta, buscando uma poça d'água. Algumas crianças estranharam o fato de um animal sedento adiar o momento de saciar a sede, e procuraram razões extratextuais (estratégia *top-down*) para justificar a negativa da égua em beber da lagoa; outras crianças consideraram tolice da égua. Alguns exemplos, extraídos de diferentes grupos:

Valéria	Eu acho que ela não bebeu da lagoa porque a água estava suja, com sapo, grilo...
Nayara	Se ela ficou olhando e não bebeu, é porque tinha coisa estranha na água. Ela teve medo de ter piranha ou outro bicho.
Aurélio	Ela não bebeu, porque a lagoa é larga, e ela tem medo de cair lá dentro.
Thayná	Ela não bebeu porque é burra!
Dominick	Essa égua na verdade é uma anta! (risos)

O pretérito imperfeito (olhava; passava; bastava; aguentava) indica uma ação que se demora no passado, mas também pode aludir a um caráter reflexivo: isto é, como a égua olhava continuamente para a lagoa, ela poderia estar pensativa. Algumas crianças chegaram a conclusões nesse sentido:

Elisa	Aqui fala que "a égua a sede aguentava", então ela não bebeu porque ela estava mesmo em dúvida.
Ju	Ela estava confusa...

A segunda parte do poema parece afastada do tempo anterior. Embora ainda use o pretérito imperfeito, aludindo a uma ação contínua no passado ('andava'), o advérbio 'agora' no verso "a égua andava agora às cegas" faz a mágica de trazer a égua para perto de nós. A lagoa já não está lá, e a égua, sedenta, segue sua busca. Sua sede agora também é nossa?

A égua andava agora às cegas,
de olhos vagos nas terras vagas,
buscando água.

Grande mágoa!

Pois o orvalho é uma gota exígua
e as lagoas são muito largas.
(MEIRELES, 2012: 50)

O dístico final lembra um truísmo: uma gota é demasiado pequena, mas a lagoa é grande demais. Porém, para que o poema deixe de ser apenas a narração de uma cena (como nas primeiras quatro estrofes), o leitor precisa ter a chance de entender esse dístico. As crianças tiveram

dificuldade com "exígua", mas não só; "orvalho" também foi um empecilho. Sem entender tais termos, dificilmente conseguimos ir além da superfície do poema.

3. Vivências do PAG no Brasil

Já sabemos que um dos objetivos do PAG é ser resistência à educação de natureza assistencialista, ou, como a nomeou Paulo Freire, "educação bancária" – aquela em que o professor tem a exclusividade do conhecimento e o 'deposita' nos alunos, sem legitimar ou incorporar o conhecimento que esses possam ter. Em contraste a ela, o PAG propõe uma educação onde haja troca de saberes entre educadores e educandos: como dizia Freire (1976: 58), "O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem, é ajudá-lo a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação". Nessa ótica, o mediador não deveria dar respostas prontas aos participantes, mas fazê-los agentes da sua própria educação, possibilitando que eles mesmos cheguem às próprias conclusões.

Em se tratando de dúvidas de vocabulário, por exemplo, em lugar de dar a resposta, a mediadora poderia pensar estratégias: primeiro, investigar se algum participante saberia explicar o vocábulo posto em dúvida e validar esse conhecimento; não havendo quem saiba, uma alternativa é usar o termo desconhecido dentro de um contexto familiar, de modo que os participantes possam inferir uma resposta; ou ainda oferecer um dicionário, de modo que eles consultem por si mesmos a palavra desconhecida (dentre outras ideias, preferencialmente lúdicas). Espera-se que, assumindo o protagonismo, os participantes experimentem o prazer da descoberta – donde a esperança de que se sintam motivados a continuar buscando o conhecimento por si mesmos.

Uma vez lido e relido o poema (silenciosamente e em voz alta), as crianças começaram a conversar sobre ele: as estrofes preferidas, os estranhamentos, a atitude da égua... Assim se manifestaram as crianças do grupo Brasam:

Ana Elis	Achei estranho uma gota d'água pra matar a sede!
Aurélio	Sim. Uma gota não basta. 'Exígua' é 'água purificada'?
Telma	Alguém sabe o que é 'exígua'?
Crianças	Não...
Telma	Vou dar um exemplo: a professora dá 20 exercícios e pede para vocês entregarem tudo em cinco minutos. Então vocês reclamam: "Não dá, profe, esse tempo é muito EXÍGUO!"
Ana Elis	Ah, é 'pouco'! Exígua é uma gota pouca...
Nayara	Uma gota pequena!
Aurélio	Ah, entendi! Só não entendi isso do carvalho...
Telma	'Carvalho'? Que 'carvalho'? Ah, orvalho...!

'Orvalho' também causou embarço. A proximidade sonora entre 'orvalho' e 'carvalho' fez com que algumas crianças interpretassem 'orvalho' como árvore, não água.

A definição dicionarizada de 'orvalho' se mostrou muito acadêmica ("condensação do vapor d'água da atmosfera que se deposita em gotículas..."), o que fatalmente levaria a mais buscas no dicionário, consumindo tempo de vivência. Assim, desisti de usá-la e coloquei para ouvirem "O orvalho vem caindo", canção do Noel Rosa, com Gal Costa. Obtive excelentes resultados, tanto no grupo Brasam...

Telma	Vou colocar uma música. Ela vai falar em orvalho, e vocês vão entender.
Gal	<i>O orvalho vem caindo/ vai molhar o meu chapéu/ e também vão sumindo/ as estrelas lá no céu...</i>
Aurélio	Aaah! Orvalho é um monte de gotinha pequena que vai molhar o chapéu...
Ana Elis	Uma chuva que a gota é bem pequena!
Nayara	Uma garoa...!

...quanto no grupo Brasim:

Elisa	Aaah! Orvalho é uma chuva fininha...
Breno	Uma chuva que a gota é bem pequena...
Clarice	Que nem a garoa!
Telma	Isso! Entenderam o que é orvalho?
Elisa	Sim, a égua ficou confusa, o orvalho é uma gota só, e a lagoa é muitas gotas...

Uma vez entendido o dístico final, sugeri que voltássemos a ler o poema desde o começo. As crianças (Brasam) então perguntaram o que era 'légua' nos versos "Bastava-lhe uma poça d'água. Ah, mas só daqui a algumas léguas!":

Aurélio	O que é 'légua' mesmo?
Valéria	Tem um livro! "Vinte mil léguas submarinas".
Telma	Boa! Tem esse livro das 20 mil léguas submarinas! O que é 'légua', então?
Aurélio	20 mil anos?
Valéria	É um peixe, debaixo do mar...?
Caio	Quer dizer que só daqui um tempo ela vai beber?
Telma	Então você mora a menos de uma légua daqui!
Aurélio	Eu moro pertinho, virando a esquina.
Telma	Então você mora a menos de uma légua daqui!
Nayara	Ah, légua é igual quilômetro?
Telma	Isso! Uma medida parecida com quilômetro.
Todos	Aaaah!

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Continuei a leitura em voz alta (Brasam), para pensarem outra vez no texto.

Telma	"A égua andava agora às cegas, de olhos vagos nas terras vagas, buscando água. Grande mágoa!"
Aurélio	: 'Mágoa' é quando a pessoa tá triste. Se minha namorada termina comigo, fico magoado. (risos)
Telma	Certo, e quem ficou magoado no poema?
Todos	A égua!
Nayara	Ela ficou magoada, porque não achou a poça pra beber água.
Telma	E o que significa "A égua andava agora às cegas, de olhos vagos nas terras vagas, buscando água"?
Leonora	Ela estava cansada, olhando, procurando pelo deserto...
Aurélio	Eu acho que a poça era uma miragem, porque ela estava no deserto.

A menção a 'terras vagas' fez as crianças pensarem num deserto e imaginar que aquilo que a égua via (ou procurava) poderia ser miragem (estratégia *top-down*), algo que também ocorreu no grupo Brasim:

Clarice	No deserto a gente vê miragem, então tá lá uma água, e é miragem.
Telma	Vocês acham que ela está no deserto?
Bete	É porque fala "a égua andava às cegas de olhos vagos nas terras vagas", então é terra vaga!
Breno	Mas tem um lago! Fala que ela olhava a lagoa...
Gael	É, ela olhava a lagoa. Tem uma lagoa nesse deserto.
Elisa	Então não é no deserto...

Eu queria que as crianças voltassem a falar sobre o dístico final, que guarda uma chave de leitura. Que interpretação elas fariam daqueles versos, agora que entendiam o vocabulário? No grupo Brasam, lancei mão do próprio dístico:

Telma	E por que fala que o "orvalho é uma gota exígua e as lagoas são muito largas"?
Nayara	Porque o orvalho é pequeno, e as lagoas eram muito largas, e ela queria uma lagoa menor.
Valéria	Uma poça!
Telma	E vocês acham que a poça é menor ou maior que a lagoa?
Todos	Menor! Menor!
Telma	E é menor ou maior que o orvalho?
Todos	Maior!
Aurélio	A poça é média!
Valéria	Ela não queria nem grande, nem pequena, ela queria uma coisa média.

Já no grupo Brasim lancei uma pergunta meio disparatada, que acabou dando um resultado inesperado:

Telma	Vamos supor que a égua tivesse que beber ou tudo ou nada...?
Gael	Tudo!
Bete	Tudo, não...!
Aninha	Nem nada e nem tudo. Bebia o suficiente.
Bete	Por isso que ela queria uma poça, que é suficiente.
Elisa	Ela quer uma poça, porque a poça é um pouco de orvalho e um pouco de lagoa.

Surpreendeu-me a ideia do consumo suficiente, equilibrado, o que representa também um 'caminho do meio' metafórico que eu havia imaginado. Mais surpresa fiquei com a interpretação poética de Elisa, que imaginou uma poça que guardaria em si o orvalho e a lagoa.

4. Tradução de "A égua e a água" para o inglês

É preciso dizer algumas palavras sobre tradução de poesia, antes de apresentar o poema traduzido e voltar às vivências. Textos poéticos trabalham/manipulam a linguagem em muitos níveis, entre eles os níveis semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos. Tradutores de poesia, então, procuram identificar o que há no poema de carpintaria poética, a saber, quais atributos poéticos redundam no efeito obtido no poema fonte. Seriam as rimas, a métrica, o ritmo, as aliterações, as assonâncias, as paronomásias, a melopeia...?

Idealmente, o poema traduzido deveria ostentar todos os atributos poéticos presentes no poema fonte; para tanto, a tradutora/tradutor deveria "recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original" (BRITTO, 2002: 54). Ou seja, para um dado atributo no poema fonte, deveria haver um atributo correspondente no poema de chegada. Na prática, porém, tradutores são levados a escolher quais atributos privilegiar, uma vez que correspondência em todos os níveis, sem nenhuma perda, é raramente possível em tradução poética (BRITTO, 2002).

Este poema não segue um esquema fixo de métrica ou rimas. Seus efeitos poéticos mais significativos são os fônicos: assonâncias, meias-rimas, ecos. Assim, no poema traduzido, procurei recriar tais efeitos, e distribuí-los em pontos onde naturalmente ocorreriam. Quanto ao tempo verbal, a língua inglesa não dispõe de pretérito imperfeito, e não faria sentido usar 'would', nem 'used to' (que sugerem hábitos que se repetiam no passado). Usei, então, o passado simples ('gazed', 'moved', 'wandered') e recorri ao 'would' no caso de "bastava-lhe uma poça d'água" (Acompanhe no Quadro 1):

Quadro 1: Poema Fonte & Primeira Versão

A <i>égua</i> e a <i>água</i>	The <i>mare</i> and the water
A <i>égua</i> olhava a lagoa com vontade de beber <i>água</i> .	The <i>mare</i> gazed at the <i>mere</i> eager to drink water.
A lagoa era tão larga que a <i>égua</i> olhava e <i>passava</i> .	The <i>mere</i> was ever so vast, so the <i>mare</i> just gazed and moved <i>past</i> .
Bastava-lhe uma poça d' <i>água</i> , ah! mas só daqui a algumas <i>léguas</i> .	Suffice it would a puddle of <i>water</i> , but oh! only many a <i>mile</i> after!
E a <i>égua</i> a sede aguentava.	And the <i>mare</i> her thirst did <i>bear</i> .
A <i>égua</i> andava agora às cegas de olhos vagos nas terras vagas, buscando <i>água</i> .	The <i>mare</i> now wandered astray, void eyes upon void spaces in search of water.
Grande <i>mágoa</i> !	Utter <i>despair</i> !
Pois o orvalho é uma gota <i>exígua</i> e as lagoas são muito largas.	For a drop of dew is way too scarce and the <i>meres</i> are ever so vast.

Fonte: Elaboração Autora

Para o rico jogo com as rimas incompletas 'égua', 'água', 'légua', 'exígua', 'mágoa', que ecoa por todo o poema, propus, como correspondentes, 'mare' (égua), 'mere' (lago), 'mile' (milha, adaptação de légua). Para compensar a menor variedade, apostei nas rimas completas 'vast' e 'past'; 'bear' (tolerar) e despair (desesperança); 'mare' e 'bear'.

Para não me alongar nos meandros da tradução, sugiro a leitura das páginas que tratam do poema "A égua e a água" na minha dissertação de mestrado (DINIZ, 2012: 154), onde reflito sobre esse poema e a tradução dele para o inglês.

Falta dizer que, quando o traduzi, imaginei que as crianças inglesas teriam dificuldades com parte do vocabulário escolhido, a começar com 'mere' (denominação antiga para 'lago', usualmente 'lake'), que adotei por causa da meia rima (e aliteração) que forma com 'mare'. Ainda hoje, na Inglaterra, há lagos que contêm 'mere' em seus nomes: Fowlmere, perto de Cambridge, e Windermere, no conhecido Distrito dos Lagos – por isso achei que, após refletirem, as crianças entenderiam o significado de 'mere'. Julguei que outras escolhas tradutórias problemáticas seriam 'despair', por me parecer de registro alto; e os versos 'suffice it would a puddle of water' e 'the mare her thirst did bear' em função da inversão sintática que operei em ambos. A inversão sintática está presente também no poema fonte ['bastava-lhe uma poça'], mas é um recurso bem

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

mais comum na língua portuguesa do que na inglesa. Tive algumas surpresas, como veremos nas vivências a seguir.

5. Vivências do PAG na Inglaterra

As vivências na Inglaterra se deram da mesma forma que no Brasil: nós íamos para uma sala à parte, onde nos sentávamos em círculo, com o gravador no centro. Tudo era gravado com permissão das crianças e de seus pais. As gravações foram posteriormente transcritas e outros nomes foram dados às crianças para proteger suas identidades. Assim como no Brasil, ao final das vivências as crianças também fizeram desenhos sobre o poema.

5.1 Vivência em Cambridge: 'just right for her'

A primeira dúvida em Cambridge foi em relação a 'scarce', que escolhi para traduzir 'exíguas' no dístico final.

Hazel	Não entendi o que é 'scarce'.
Jonathan	Acho que <i>e/e</i> está no deserto, quer beber muita água e uma gota não é suficiente.
April	Eu acho que 'scarce' significa que uma gota é muito pouco e, como Jonathan disse, "não é suficiente", então <i>e/e</i> quer mais água. Eu acho que <i>e/e</i> está no deserto.
Hazel	Uma gota não é suficiente, e eu acho que <i>e/e</i> está procurando água no deserto.

Hazel havia dito que não entendia 'scarce', mas aparentemente as crianças tinham entendido, e April, a meu ver, ajudara a sanar sua dúvida ao dizer que uma 'gota' era 'muito pouco'. Foquei, então, no equívoco que eu acabara de identificar: elas estavam se referindo à égua como "ele". Ocorre que, no inglês britânico, a pronúncia de 'mayor' (prefeito) é igual à pronúncia de 'mare' (égua). Embora as grafias sejam diferentes, as crianças se pautaram pelo som, e entenderam que 'mare' era o prefeito de alguma cidade e estava perdido no deserto buscando uma poça d'água. Por isso perguntei:

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Telma	E o título do poema? Vocês sabem o que significa 'mare', no título "The mare and the water"?
Hazel	Não sei se está escrito errado, mas acho que 'mare' é 'mayor'...
April	'Mare' não é outro jeito de falar da pessoa que governa essa cidade?
Telma	Não, 'mayor' é outra palavra. Quem quer olhar no dicionário o que significa 'mare'?
Ben	Eu!

Ben então pega o dicionário e lê:

Ben	Aqui diz que 'mare' é a fêmea do cavalo ['a female horse'].
Gwen	Então o poema está falando de um cavalo!
Telma	Isso. Um cavalo-fêmea, uma égua. Fala "the mare gazed at the mere eager to drink water". E 'mere'? Vocês sabem o que é 'mere'?
Gwen	É um tipo de lago?
Telma	Faz sentido, né? Se ela olha para esse lugar, e tem vontade de beber água...
April	Ou é um rio ou é um lago, porque ela está olhando e quer beber água, mas não consegue chegar lá...
Telma	Você acha que ela não bebe água porque está longe?
April	Ou então ela está se sentindo mal, e não consegue se levantar
Ben	Não acho isso. Tem um lugar aqui que fala que ela saiu andando: "the mare wandered astray"
Jonathan	Posso olhar outra palavra no dicionário?
Telma	Claro, quer olhar se 'mere' é mesmo 'lago'?

Enquanto Jonathan procurava 'mere' no dicionário, continuamos a conversa, e outras dúvidas apareceram:

Hazel	Aqui fala 'the mare wandered astray', a égua saiu numa jornada em busca de água, porque no deserto você fica com muita sede por causa do calor intenso...
April	Eu não sei o que 'vast' quer dizer. Se 'vast' significar 'dirty', então a égua não bebe da lagoa porque a água está suja.
Jonathan	Eu achei 'mere', diz aqui "uso poético: lago" [Mere: (poetical use) a lake (OXFORD, 2016: 428)].
Telma	Ah, muito bem, 'mere' é usado em poesia, para falar de 'lago'.
Becky	Então 'mere' é lago.
Telma	Isso, 'mere' é lago. E a April agora disse que não sabe o que 'vast' significa e que, se significar 'sujo', talvez a égua não beba da lagoa porque a água é suja. Alguém sabe o que é 'vast'? Não? Quem quer olhar 'vast' no dicionário?
April	Eu!

Assim como no Brasil, as crianças de Cambridge começaram a supor que a égua estava no deserto, certamente a partir dos versos 'void eyes upon void spaces', tradução de 'olhos vagos nas terras vagas'. Enquanto April procurava 'vast' no dicionário, outra dúvida surgiu:

Hazel	Não tenho certeza sobre o significado de 'suffice'.
Telma	Puxa, quantas palavras desconhecidas neste poema, não?
April	Achei 'vast'. Significa "muito grande, especialmente em área" [Vast: very great, especially in area (OXFORD, 2016: 768)].
Becky	Então 'vast' é grande. Um lago grande.
Telma	Sim, e aqui fala "The mere was ever so vast, so the mare just gazed and moved past". Então era um lago grande, por que será que ela não bebeu dele?
Hazel	A April disse que a égua estava se sentindo mal, vai ver ela é cega e não via a água...
Becky	Mas ela olhava pro lago, não olhava?
Ben	É, ela olhava pro lago.
Becky	Se ela olhava pro lago, ela podia enxergar, não acham?
Pam	Verdade. Mas se ela está no deserto, talvez não tenha água no lago.
Hazel	É...! O lago pode ser só um buraco no chão.
Jewel	Posso olhar o que 'suffice' significa agora?
Telma	Sim, por favor, olhe 'suffice' pra gente.
April	Acho que 'suffice' quer dizer 'suffice would've been a puddle of water' ['suffice' teria sido uma poça d'água], então poderia ser uma poça d'água, mas, se ela está no deserto, como a Pam disse, então não tem poça d'água.

Ao ouvir April, percebi que as crianças não estavam interpretando 'suffice' como verbo, mas como predicado. A escolha pelo incomum 'suffice', aliado à inversão sintática, havia complicado uma sintaxe relativamente simples em português, já que o verso "Bastava-lhe uma poça d'água" é bem aceito pelas crianças brasileiras, apesar da inversão. É sabido que nossa língua/cultura aceita inversões sintáticas mais naturalmente do que a inglesa: em inglês, a sintaxe geralmente segue a ordem 'sujeito-verbo-predicado'. Eu poderia ter usado a ordem direta ('A puddle of water would suffice'); preferi a inversa para ter 'water' no fim do verso, e conseguir uma meia rima com 'after' do verso seguinte ('but oh! only many a mile after').

Jewel	Achei, achei! 'Suffice'! "Ser suficiente para a necessidade de alguém" [Suffice: To be enough for someone's needs (OXFORD, 2016: 695)].
Telma	Então 'suffice' é 'ser suficiente'. Uma poça d'água seria suficiente. É isso?
April	Mas é estranho. Um animal não passaria por um lago sem beber, e sem saber se depois teria água... É meio confuso, porque fala 'bastava uma poça d'água, mas oh, só muitas milhas depois', então é estranho.

Telma	Vocês ouviram o que a April disse? Ela acha estranho que a égua passe por um lago, sem beber água dele, pensando numa poça que está longe dali. Ela prefere uma poça, é isso?
April	Não sei. Posso olhar o que significa 'scarce'? Sem saber o que significa 'scarce', a gente não vai saber se uma gota de orvalho é muito pouco, ou se é demais...
Telma	Você mesma falou que uma gota era pouco, lembra? Mas sim, procure 'scarce'. Enquanto isso, vamos supor que significa 'muito pouco', então o verso diria "porque uma gota de orvalho é muito pouco, e os lagos são vastos demais". Então ela estaria comparando uma coisa com a outra, não acham?
Jonathan	Não, eu acho que ela está dizendo que ela prefere mais do que um pouco. Ela prefere um copo d'água cheio, mais do que uma gota.
April	Achei! 'Scarce': "Insuficiente para suprir as pessoas" [Scarce: Not enough to supply people. (OXFORD, 2016: 609)].
Telma	Então 'scarce' significa 'insuficiente', uma coisa que não é suficiente.
April	Eu acho que esses últimos versos querem dizer que uma gota de orvalho não é suficiente pra ela, mas o lago é muito grande pra ela, então ela quer alguma coisa que seja exatamente certa pra ela ['something just right for her'].
Telma	É o que seria essa coisa que é 'exatamente certa pra ela'?
April	Hmmm... eu não sei. (risos)
Telma	O poema diz "suffice it would a puddle of water". Uma poça seria o certo pra ela?
April	Não sei, eu acho que ela simplesmente quer uma coisa que é certa pra ela, tipo, se você encher um balde d'água e der pra ela, aí seria o certo pra ela.
Hazel	Toda essa conversa sobre água está me deixando com sede... (risos)
Telma	Eu também estou ficando com sede. (risos) Alguém quer dizer mais alguma coisa sobre a égua ou sobre o poema?
Jewel	Eu acho que ela não bebeu do lago e continuou andando, porque ela pensou que ia encontrar outro lago.
April	Ela deve ser um animal selvagem, e pode ser que tivesse muitos animais bebendo no lago, que devia estar lotado. Ela queria um espaço só pra ela, por isso que ela foi embora, pra beber de uma poça.
Hazel	Pode ser que os outros animais fossem predadores, e ela fosse a presa deles...
Telma	Ah, entendi. Pode ter outros motivos, não apenas porque o lago era grande. É isso? Alguém mais quer falar?
Todos	Não.
Telma	Querem desenhar?
Todos	Siiiiiiiiim!

A maioria das crianças desenhou uma égua sonhando com uma poça d'água. Uma delas escreveu que a égua estava procurando um lugar adequado para beber água, um lugar que fosse "exatamente certo para ela", como disse a aluna April (foto no final deste artigo).

Não consegui elaborar estratégias lúdicas em inglês para esclarecer os termos desconhecidos (como havia feito em português), e as crianças tiveram de recorrer ao dicionário várias vezes, o que deixou a conversa truncada, cheia de interrupções.

No decorrer da vivência, algumas crianças apresentaram sinais de frustração e cansaço (suspiraram, bocejaram), que reputei à dificuldade de entender os termos incomuns, especialmente a inversão sintática no verso com 'suffice'.

Em vista desses sinais, decidi que mudaria um pouco a versão que levaria às crianças de Birmingham, como visto a seguir.

5.2 Vivência em Birmingham: 'the right amount'

Um dos traços distintivos da literatura infantil é a assimetria, isto é, há uma distância entre os produtores de literatura infantil e os receptores/consumidores dessa literatura: são adultos que escrevem/traduzem/editam livros que serão lidos por crianças. Assim, se quisermos chegar a elas, não podemos "escapar de uma certa aproximação com a linguagem do tempo para o qual se traduz" (AZENHA, 2005: 380), ou seja, num poema para crianças, não basta cuidar dos atributos poéticos, é preciso cuidar também do léxico, do registro, da sintaxe... A vivência em Cambridge revelou que eu havia me distanciado da "linguagem do tempo para o qual se traduz" quando usei uma palavra incomum dentro de uma inversão sintática. Para a vivência em Birmingham, apostei em vocabulário simples e ordem direta (sujeito-verbo-objeto) para traduzir "Bastava-lhe uma poça d'água": adotei "She just needed a puddle of water" no lugar de "Suffice it would a puddle of water" e mantive o restante (como visto anteriormente no Quadro 1).

Logo após a leitura, Aleya disse "Esse poema rima! 'Mare' e 'bear' rimam!" e Joshua complementou "Sim! 'Vast' e 'past' também rimam!" Fiquei feliz com sua percepção e ia dar sequência, quando Saleem disse "Eu sei o que 'scarce' significa!" Resolvi pedir a Saleem para explicar 'scarce', mas Zidan perguntou "'Mare' é um tipo de primeiro-ministro?". Para evitar que a confusão entre 'mare' e 'mayor' ocorresse também em Birmingham, falei:

Telma	Vamos começar pela palavra 'mare', que causou dúvida? Posso dizer que é um animal.
Salma	É uma lebre? ['hare', influenciada pela semelhança com 'mare' (égua)]
Karishma	É um cachorro de rua? ['stray dog', possivelmente influenciada pelo 'astray' de 'wandered astray']

Não me ocorreu imitar o relincho de um cavalo para eles adivinharem o animal. Teria sido uma boa saída, pois eles acabariam rindo pelo inusitado de a mediadora relinchar, e talvez jamais esquecessem o significado de 'mare'. Para não perder muito tempo com aquela definição, entreguei:

Telma	'Mare' é a fêmea do cavalo.
Joshua	Ah... eu sabia! (risos)
Zidan	Eu ia falar agora! (risos)
Karishma	É uma égua filhote?
Telma	Só fala que é uma égua, não fala que é filhote. Vou ler esse verso de novo: "The mare gazed at the mere, eager to drink water". E 'mere', vocês sabem o que é 'mere'?
Todos	Não.
Telma	Vocês já ouviram falar de um lago chamado Windermere Lake?
Todos	Não.

Diante da negativa, voltei a falar o nome do lago, destacando a partícula 'mere':

Telma	Windermere fica no Distrito dos Lagos, e é chamado WinderMERE Lake!
Karishma	Ah, então 'mere' é um tipo de lago?
Telma	Sim, 'mere' é uma forma antiga de falar 'lago'. Em poesia, as pessoas às vezes falam 'mere' em lugar de falar 'lake'.
Aleyna	Ah, porque elas querem rimar! As pessoas usam 'mere', porque querem rimar com alguma coisa...!
Telma	Isso, pode ser. Neste caso, 'mere' está rimando com alguma coisa? Ou fazendo aliteração? Vocês sabem o que é 'aliteração'?
Karishma	Basicamente é uma palavra que começa com a mesma letra.
Aleyna	Sim! Palavras que têm a mesma letra no começo.
Karishma	Se 'mare' e 'mere' estão perto uma da outra é aliteração, porque elas começam com a mesma letra.
Crianças	Sim! 'mare', 'mere', 'mare', 'mere'...
Telma	Então até aqui, tudo ok? Vamos continuar? "The mare gazed at the mere, eager to drink water. The mere was ever so VAAAST..." [com minha entonação, enfatizei que 'vast' indicava algo grande]
Saleem	Deve ser grande!
Karishma	Largo!
Aleyna	Está falando que o lago é uma área enorme.
Telma	Isso, o lago é grande, largo, então a égua "just gazed and moved past". E então, vocês acham que ela bebeu a água, ou não?
Todos	Não...!
Karishma	Ela não bebeu. Aqui fala "she just needed a puddle of water, but oh, only many a mile after". Então ela deve ter andado outra milha, e não bebeu.
Aleyna	Isso, ela quer achar uma poça d'água! O lago deve estar sujo.
Joshua	Ou então deve ser fundo.
Karishma	Eu acho que a égua estava com medo.

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Joshua	Sim, porque ela podia cair no lago e se machucar...
Karishma	Verdade, ela pode se machucar nas pedras... Pode ter um penhasco!
Aleyna	Sim, a égua não conseguia beber água, porque o lago era grande e fundo, e ela podia cair, mas uma poça d'água não é funda, e fica num terreno plano...
Karishma	Mas ela poderia nadar...
Joshua	Mas ninguém consegue nadar numa poça d'água... (risos)

Este excerto mostra como as crianças foram construindo o sentido colaborativamente, 'pensando alto'. Foi uma decisão acertada alterar a tradução que antes tinha provocado confusão. "She just needed a puddle of water" ficou simples e direto. Continuei, então, lendo as estrofes em voz alta:

Telma	Então depois vem "And the mare her thirst did bear". O que aconteceu aqui?
Karishma	Ela continuou andando mais uma milha para achar uma poça d'água: "The mare wandered astray, void eyes upon void spaces of water".
Joshua	Significa que ela olhava longe, olhava pra todo lado, para encontrar água.
Karishma	Ela estava com muita sede, e olhava em todo lugar...
Hakeem	Não sei o que 'void' significa...
Joshua	Eu sei! 'Void' é uma área muito funda.
Saleem	Não é um buraco negro? É como um buraco que te puxa pra dentro...
Telma	Os olhos dela também são 'void': "void eyes upon void spaces"
Aleyna	Ah, então ela tem olhos muito profundos, ela olha pra cima, pra ver se vem chuva, olha para baixo para ver os detalhes no chão, e saber aonde ir para encontrar a poça d'água...

Pergunto às crianças se elas concordam. Confirmam e seguimos:

Telma	Certo, e agora diz "Utter despair!"
Saleem	'Despair' é tristeza...
Karishma	Ela está triste, a boca dela está seca, e ela não consegue encontrar água.
Hakeem	Sim, ela está triste.
Telma	Certo, e então termina assim: "For a drop of dew is way too scarce and the meres are ever so vast."
Salma	Está dizendo que o lago é muito grande...
Aleyna	É, ela ficou pensando "Por que esse lago tinha de ser tão grande?"
Karishma	É, ela ficou lá parada, "Por que tinha de ser tão grande, tão fundo?"
Telma	Então ela pensa que não deu muita sorte? É isso que vocês quiseram dizer?
Karishma	Eu acho que ela pensa que não é justo. Se outros cavalos bebem água, por que ela não pode beber também?
Telma	Ok. Saleem, hoje, no comecinho da sessão, você disse que sabia o que 'scarce' significava...

DINIZ, Telma Franco. “A égua e a água” e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Saleem	Sim! É o oposto de ‘bastante’ [‘plentiful’]
Salma	Significa ‘muito pouco’, o oposto de ‘bastante’...
Telma	Certo. Então uma gota de orvalho é muito pouco, não é bastante, e os lagos são muito grandes, muito largos. O que vocês entenderam disso?
Karishma	Ela não quer demais, mas também não quer de menos, ela quer a medida certa pra ela [‘the right amount’].
Telma	Nem pouco, nem muito...
Karishma e Aleyna	Ela quer a medida certa! [ao mesmo tempo]
Karishma	A poça pode ser a medida certa pra ela. Se ela pulasse no lago, toda aquela água poderia ser demais para ela, mas na poça ela teria a medida certa, o tanto que ela quisesse.
Zidan	Mas a poça é suja!
Saleem	Mas é só um cavalo...!
Aleyna	Você não sabe se a poça é suja...
Joshua	Não importa se é suja, é só um cavalo...

A vivência terminou com as crianças discutindo se faria diferença para a égua beber de uma poça suja. Não houve consenso quanto a isso. Elas festejaram o momento do desenho – este sim, consensual, sempre celebrado.

6. Considerações finais

Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual. (BAJOUR, 2012: 25)

Ouvir novamente as vozes daquelas crianças, após sete anos da realização das vivências, me emocionou profundamente. Foi como ganhar outra vez as riquezas que elas haviam ofertado em 2016, com sua avidez, entusiasmo e intuição; e me alegrei por poder ‘libertar’ suas vozes uma vez mais, agora por meio deste texto. Pude também auferir, mais uma vez, quantas descobertas o PAG proporciona, mesmo quando a mediadora não está num dia particularmente inspirado.

Sim, repassar as vivências me fez reavaliar minhas decisões como mediadora. Eu poderia, por exemplo, ao fim da vivência com esse poema, ter-lhes dito que, para algumas pessoas, água é símbolo de emoção ou conhecimento – dando-lhes assim uma chance para se abrirem para a metáfora e transcenderem o concreto. Não seria direcionar a vivência, pois esta já teria terminado. Porém, como se lê na epígrafe destas Considerações, na leitura compartilhada uma condição fundamental da escuta é não buscar concluir a construção de sentidos a todo custo.

"Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos", disse Cecília Bajour (2012: 36) no mesmo ensaio. Nem todo fechamento é satisfatório. A insatisfação pode nos levar a conviver com um texto dias a fio, em reflexões e releituras a sós, até que, subitamente, algum insight nos alcança, iluminando nossa percepção. Espero que algo semelhante tenha acontecido com as crianças que saíram descontentes/frustradas das vivências que mediei. Será que devemos desejar que ao longo da vida elas perseverem na busca de solução para os silêncios/faltas/lacunas que as incomodarem? Sim ou não? A insatisfação da égua pode sugerir tanto que 'sim' quanto que 'não'. Alguns silêncios ensinam mais quando permanecem silentes.

Comecei este estudo me perguntando se as crianças teriam maturidade suficiente para interpretações mais sutis. Embora elas tenham ficado mais coladas ao concreto, elas se empenharam em dar sentido ao poema, e me surpreenderam com sua entrega, poesia, intuição. Parte delas estranhou a recusa da égua em beber da lagoa e buscou explicações extratextuais, seja no aspecto da água (que estaria suja, com bichos), ou no relevo (penhasco, deserto). Outras, de maneira singela e poética, chegaram a conclusões mais simbólicas, que refletem a busca da personagem por equilíbrio: um pouco disso, um pouco daquilo, feito um 'caminho do meio'. Recapitulo, no Quadro 2, essas conclusões:

Quadro 2: Impressões das crianças sobre a jornada da égua

Brasam	Ela não queria nem grande, nem pequena, ela queria uma coisa média.
Brasim	Ela quer uma poça, porque a poça é um pouco de orvalho e um pouco de lagoa.
Cambridge	Ela quer alguma coisa que seja exatamente certa pra ela.
Birmingham	Ela não quer demais, nem de menos. Ela quer a medida certa pra ela.

Fonte: Elaboração Autora

Retomando a pergunta deixada em suspenso no início deste estudo, quando citei Boff (2014), "que leituras os olhos das crianças fazem, a partir do chão onde seus pés pisam?", podemos começar dizendo que o chão onde as crianças pisam certamente influenciou nas leituras que seus olhos fizeram. Aconteceram, sim, convergências em muitos pontos, mas, se não houve sérias divergências, algumas hipóteses só se explicam pelo lugar/chão onde elas vivem.

Entre as convergências, aponto o estranhamento sobre a recusa da égua: em todos os grupos houve leitores que classificaram a égua como 'estúpida' por não beber da lagoa. A hipótese de a água da lagoa estar suja apareceu em vivências no Brasil e na Inglaterra, assim como a ideia

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

de a égua estar no deserto. Embora tenham mencionado a tristeza da égua, o deserto não chegou a se tornar existencial.

Entre as diferenças, na Inglaterra algumas crianças imaginaram penhascos à margem da lagoa, assim justificando o medo da égua de se aproximar para beber e cair. Parte da costa inglesa é recortada com altos penhascos, o que explica essa ideia. No Brasil, as crianças imaginaram que poderia haver piranhas na lagoa, um animal que provavelmente não ocorreria às crianças inglesas.

Convergências e divergências demonstram que interpretações de textos poéticos são difusas e dependem da subjetividade do leitor, do seu repertório literário, do contexto, do horizonte de expectativa. No caso de obras traduzidas, as leituras podem ser influenciadas também pelas escolhas tradutórias, como visto, neste estudo, com duas versões para o inglês levemente distintas.

Ficou constatado que o PAG é também um excelente instrumento na redução da assimetria entre o adulto-tradutor e a criança-leitora: com o conhecimento gerado pelas vivências com poemas traduzidos, tradutores podem fazer escolhas tradutórias mais conscientes e precisas, sem subestimar ou frustrar o público leitor.

Conforme concluí certa vez, o Pensar Alto em Grupo, em verdade, é isso: "Um abrir de janelas que alvoroça pensamentos de todos os lados e os faz alados. [...] A mediadora também voou ao abrir aquela janela" (DINIZ, 2018: 329).

Ariane Mieco talvez sorrisse ao ler isso, pois, segundo ela, "é preciso abrir uma janela no meio do poema para ventilar o devaneio". (SUGAYAMA, 2018: 19)

Referências bibliográficas

AZENHA, J. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. *Pandemonium germanicum*, v. 9, 2005.

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRITTO, P. H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: Bernardo, Gustavo (org.). *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

DINIZ, T. F. *Either this ou aquilo: traduzindo a poesia infantil de Cecília Meireles para o inglês*. 2012. 227 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) UFSC, Florianópolis, 2012.

DINIZ, T. F. *Tradução de poesia infantil e sua recepção via Pensar Alto em Grupo: "As meninas" e "O menino azul", de Cecília Meireles*. 2018. 654 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). USP, São Paulo, 2018.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Editora Global, 2012.

OXFORD School Dictionary. Pocket size. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SUGAYAMA, A. M. As múltiplas leituras da metáfora no texto literário: uma contribuição para a formação do leitor protagonista e reflexivo. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 26, n. 52, 2016.

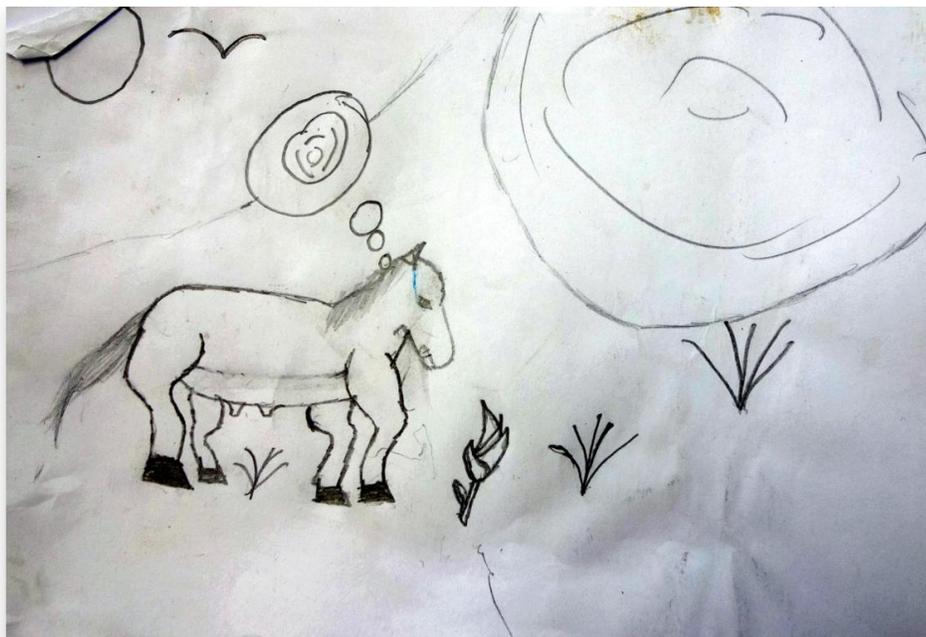
SUGAYAMA, A. M. *Onírica*. São Paulo: Editora Patuá, 2018.

ZANOTTO, M. S. "A construção de uma prática de letramento para o ensino e pesquisa de leitura da 'metáfora' em textos literários". In: LIMA, Aldo (Org.). *A propósito da metáfora*. Recife: Editora UFPE, 2014

ZANOTTO, M. S.; SUGAYAMA, A. M. Um confronto heurístico entre práticas de letramento e as epistemologias do monologismo e do dialogismo. *Revista Signum*, Londrina, v. 1, n.19, 2016.

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

**Apêndice ilustrativo:
Desenhos das crianças após vivências com o poema**



Égua sonhando com a poça: "um pouco de orvalho, um pouco de lagoa" (Brasim)



DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

"Grande mágoa!" Égua triste, buscando uma coisa média (Brasam)



Sonhando com a medida exatamente certa pra ela (Cambridge)



Uma gota de orvalho não é suficiente, mas a lagoa é grande demais.

DINIZ, Telma Franco. "A égua e a água" e sua tradução para o inglês: recepção das crianças leitoras via pensar alto em grupo. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e64917, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Recebido em: 06/11/2023
Aprovado em 07/12/2023



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada